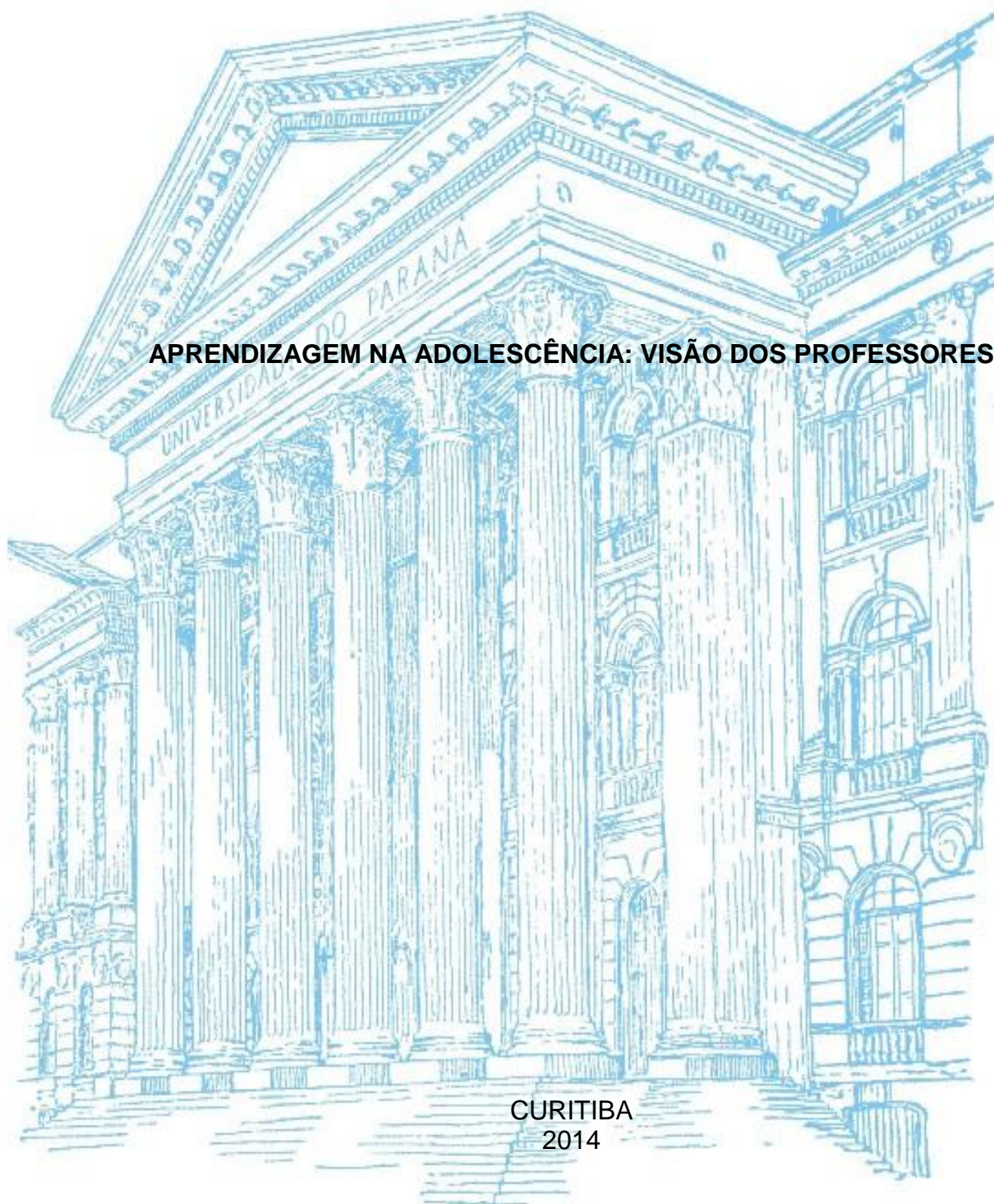


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

SONIA MARIA NEGRINI PARMEZAN

**APRENDIZAGEM NA ADOLESCÊNCIA: VISÃO DOS PROFESSORES**



CURITIBA  
2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

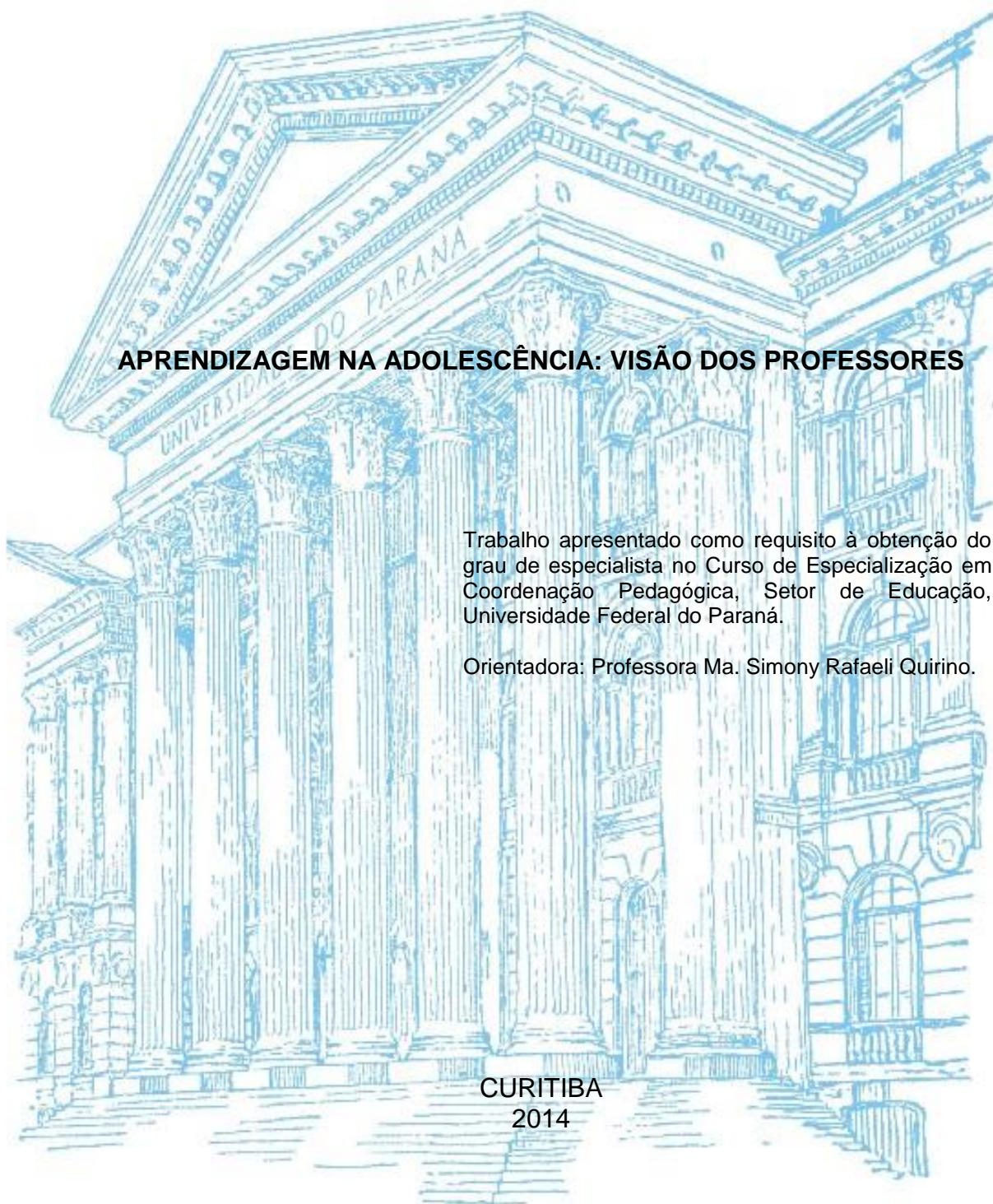
SONIA MARIA NEGRINI PARMEZAN

**APRENDIZAGEM NA ADOLESCÊNCIA: VISÃO DOS PROFESSORES**

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Professora Ma. Simony Rafaeli Quirino.

CURITIBA  
2014



## SUMÁRIO

Introdução .....	4
A Adolescência.....	5
Características da Adolescência.....	8
Aprendizagem na Adolescência.....	9
Contexto da Escola pesquisada.....	11
Visão dos professores sobre aprendizagem na adolescência.....	13
Considerações Finais .....	17
Referências Bibliográficas .....	19

## **APRENDIZAGEM NA ADOLESCÊNCIA: VISÃO DOS PROFESSORES**

SONIA MARIA NEGRINI PARMEZAM<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este artigo pretende verificar a percepção que os professores do Colégio Estadual Miguel Dias, localizado no município de Joaquim Távora/Paraná, têm sobre a aprendizagem do adolescente. Para isso foram aplicados questionários a vinte professores de diferentes disciplinas. Na visão destes professores o adolescente aprende de maneira diferente da criança, não mais necessitando do concreto e da memorização, mas sim de metodologias que desafiem o pensamento crítico, que os coloquem como partícipes na aprendizagem. Esta é a prática pedagógica utilizada principalmente pelos professores em constante formação continuada.

Palavras-Chave: Adolescência; Aprendizagem; Características da Adolescência.

---

<sup>1</sup> Artigo produzido pela aluna Sonia Maria Negrini Parmezan do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora mestra Simony Rafaeli Quirino. E-mail: sonianegrini@yahoo.com.br.

## Introdução

A evolução humana, o comportamento do homem, objeto de estudo de diferentes ciências como a biologia, psicologia, filosofia, pedagogia entre outras, recebe a cada tempo novos dados que inovam e transformam conceitos e definições sobre o funcionamento e o comportamento humano, contribuindo, dessa forma, para o desenvolvimento de teorias educacionais.

A escola é um espaço privilegiado para sustentação de algumas dessas teorias, bem como para quebra de paradigmas por conta das relações que se estabelecem. Relações essas nem sempre harmônicas, mas contraditórias por conta das diferentes culturas que se entrelaçam.

A educação é um processo essencialmente humano realizado tanto sistemática quanto assisticamente. É a partir da educação que se torna possível a transmissão dos saberes produzidos historicamente pela humanidade e transformados a cada geração possibilitando a construção de novos conceitos e modos de produção.

Assim sendo, a educação é uma das maneiras de tornar comum o saber, a ideia, a crença, tem a ver com a produção, transmissão e reprodução do conhecimento.

O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação, diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas de atingir esse objetivo (SAVIANI, 2005, p. 17).

O objeto do conhecimento chega ao sujeito por meio da aprendizagem, onde é levado a refletir sobre a realidade e transformá-la, pois tudo o que o homem realiza no mundo tem seu fundamento na aprendizagem.

A capacidade para aprender está presente desde o nascimento e significa um potencial de desenvolvimento que ocorre à medida que o ser humano amadurece suas estruturas cerebrais e seu sistema nervoso. Outra característica da aprendizagem é ela ser um processo pessoal, depende do esforço, do desenvolvimento e capacidade de cada um (RAMOS, FARIA, 2011, p.137).

Aprendizagens ocorrem em todos os momentos da vida humana, porém de formas diferentes e dependentes de aprendizagens anteriores, bem como condições físicas, psicológicas, ambientais e sociais (ROSA, 2003, p.31).

É um processo pelo qual o indivíduo adquire informações habilidades, atitudes, valores, etc. a partir de seu contato com a realidade, o meio ambiente, as outras pessoas. É um processo que se diferencia dos fatores inatos (a capacidade de digestão, por exemplo, que já nasce com o indivíduo) e dos processos de maturação do organismo, independentes da informação do ambiente. Em Vigotski, justamente por sua ênfase nos processos sócio-históricos, a ideia de aprendizado inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo. O termo que ele utiliza em russo (obuchenie) significa algo como “processo de ensino aprendizagem”, incluindo sempre aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre essas pessoas (OLIVEIRA, 1995, p.57).

Pretende-se neste estudo pesquisar sobre a aprendizagem do adolescente, já que as teorias do desenvolvimento humano revelam de forma mais contundente o processo de aprendizagem da criança e nem sempre estabelecem hipóteses de como se dá a aprendizagem na adolescência.

Para isso, buscará verificar a percepção que os professores do Colégio Estadual Miguel Dias, localizado no município de Joaquim Távora/Paraná, têm sobre a aprendizagem do adolescente.

## **A adolescência**

A palavra adolescência vem do latim *adolescere*, que significa crescer. Sprinthall e Collins (1999, p. 2) *apud* FERREIRA (2010, p. 2) afirmam que os componentes psicológicos e fisiológicos fundamentais desse período sempre existiram nas pessoas, independente do período histórico ou cultural, embora nem sempre se reconhecessem as características específicas da adolescência.

Somente nos séculos XIX e XX, acontecimentos sociais, demográficos e culturais parecem ter propiciado o estabelecimento da adolescência como período distinto do desenvolvimento humano. Informações sobre a adolescência foram recolhidas por meio de estudos sobre as cerimônias de iniciação ocorridas em povos primitivos, prosseguindo com as especulações filosóficas ou textos literários ao longo da história da humanidade (KIMMEL & WEINER, 1998, p. 2) *apud* FERREIRA, FARIAS (2010, p. 2).

A educação do adolescente na antiguidade era basicamente repetir o comportamento dos adultos nos ofícios práticos. Posteriormente, no Império Romano, ao receber instruções das primeiras letras os meninos eram instruídos a partir de autores clássicos. Aos quatorze anos deixavam de ser crianças e estavam livres para fazer o que queriam, tornavam-se adultos quando seu tutor o considerasse como tal (FERREIRA, FARIAS, 2010, p.2).

Na Idade Média, a criança e o adolescente eram considerados como adultos em miniaturas, sua educação restringia-se aos aspectos físicos e mentais, viviam misturadas aos adultos e iam aprendendo seus ofícios.

O conceito de fases da vida começou a ser difundido neste período levando em conta diferentes cuidados que cada um necessitava. Ferreira (2013, p. 3), descreve que sob a influência de Aristóteles, as fases correspondiam a períodos de sete anos. A segunda idade era chamada de *pueritia* e ia dos sete aos 14 anos, a terceira idade (dos 14 aos 21 anos) era chamada de adolescência porque a pessoa estaria pronta para procriar. Nessa idade o indivíduo cresceria toda a grandeza que lhe fosse devida pela natureza. Para alguns, a adolescência terminava no vigésimo primeiro ano, mas, para outros, durava até os 28 anos, podendo ser estendida até os 30-35 anos.

Avançando na história, Romani e Rajobac (2011 p. 5), afirmam que, no século XVIII Rousseau define o adolescente como uma pessoa completa, que aprendeu na infância e agora pode aprimorar os conhecimentos e se formar como pessoa necessitando ainda de educação.

Para Rousseau, dos doze aos quinze anos, acontece um desequilíbrio entre as necessidades da criança e o desenvolvimento de suas forças. Trata-se do período em que a criança tem mais força do que necessita e que os limites passam a ser atribuídos pela lei da utilidade. Nessa fase, preceptor também deverão mudar, isto é, exercitando sempre uma educação que conduza a criança ao desenvolvimento de sua autonomia por meio de uma liberdade bem regrada (CERIZARA, 1990, p. 3 *apud* ROMANI, RAJOBAC, 2011, p. 5).

A Idade Moderna cria o espírito de cuidado à criança, onde a infância passa a ser percebida como importante para o desenvolvimento. Arelada a essa ideia nasce o conceito de adolescência que será reconhecida como um momento de crise na existência humana. Permeada pela teoria freudiana onde a sexualidade passa a ser parte do crescimento (FERREIRA, FARIAS, 2010, p. 4).

As grandes mudanças ocorridas no século XX e os importantes estudos nela realizados incorporam outros conceitos à adolescência. Entre eles, que a adolescência é uma construção social e não necessariamente precisa ser um período de crises. Cada cultura terá sua forma de inserção do adolescente ao mundo adulto (FERREIRA, FARIAS 2013, p. 5).

Como pode ser observado a adolescência historicamente não existiu como a concebemos hoje. Esta é uma criação contemporânea definida como um período do desenvolvimento.

Segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS (1965 *apud* FERREIRA, FARIAS 2010, p.1) a adolescência é o segundo período vivido pelo homem compreendido na fase dos 10 aos 20 anos. Sendo este período também considerado como adolescência pelo Ministério da Saúde do Brasil.

Para o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA - Lei nº 8.069/90, considera-se criança a pessoa até doze anos de idade incompletos e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade (Artigo 2º, parágrafo único). Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um ano de idade.

Para Digiácomo e Digiácomo (2013, p. 5), este é um conceito legal e outras ciências de acordo com a concepção teórica podem adotar parâmetros diversos. Os autores ainda destacam que para as normas internacionais o termo criança refere-se a todas as pessoas menores de dezoito anos.

O artigo terceiro do Estatuto da Criança e do Adolescente, estabelece que a criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

O artigo 53 da mesma Lei complementa garantindo à criança e ao adolescente o direito à educação, visando o pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, bem como igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; direito de ser respeitado por seus educadores; direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores; direito de organização e participação em entidades estudantis; direito de acesso à escola pública e gratuita próxima de sua



residência. Sendo direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.

### **Características da adolescência**

A adolescência é considerada um período de constantes e significativas mudanças físicas e principalmente psicológicas, pois é o tempo de transição entre a idade infantil e a idade adulta.

É na adolescência que o ser humano concretiza a construção de sua identidade. Na busca de encontrar-se e definir seu papel social, tarefa esta difícil, levando em conta que estas definições estão atreladas a opinião do outro, decisões devem ser tomadas em curtos períodos de tempo (CARVALHO, 2010, p.16).

O adolescente assim vive entre ser uma criança que pode contar com a ajuda do adulto para as decisões do que fazer e enquanto adolescente a busca de identidade e tomada de decisões é o que mais perturba.

A adolescência é definida como uma fase de transição da infância para a vida adulta, no senso comum denominada de fase da “aborrecência”, uma idade difícil, em que os adolescentes são considerados intransigentes, revolucionários, desobedientes, entre outros. As ciências, principalmente, a psicologia nos seus estudos demonstram que esta fase da vida é sim uma fase de transição, porém com muitas significações (GIMENEZ, 2004. p. 2)

A adolescência para Ferreira, Farias, (2010 p. 1) é uma época de grandes transformações, as quais repercutem não só no indivíduo, mas em sua família e comunidade.

Desta forma, é necessário que esta fase da vida na educação escolar seja sistematizada para contribuir para uma vida saudável, onde o adolescente sinta-se inserido e não excluído do seu grupo. Já que é a escola a instituição preparada para dar este suporte sistematizado, a mesma deve estar consciente de seu importante papel na construção da identidade do adolescente.

Período marcado por grandes transformações no desenvolvimento humano, em todos os aspectos, fisiológico, psicológico e social, a adolescência necessita ser pensada para a promoção de uma identidade. É uma fase de transição, mesmo com características da infância é um estágio do ciclo da vida que merece maiores

estudos e interpelações nos diferentes ambientes em que o mesmo está inserido, entre eles a escola.

Cunha (sd, p. 2) disserta que a construção da identidade do adolescente é contraditoriamente uma identidade individual e uma identidade coletiva. O adolescente precisa do grupo, precisa do adulto, precisa de referência, mas ele precisa diferenciar-se, construir sua própria identidade. Tornar-se adolescente é viver cercado por profundos conflitos, novos e diferentes ritmos, tempos, espaços, presença na sociedade e na cultura.

### **Aprendizagem na Adolescência**

A adolescência é o período das operações formais, permite pensar o mundo, questionar o real e criar hipóteses sobre esta realidade. Rosa (1986, p. 71) destaca que o adolescente se torna apto a refletir sobre suas próprias operações e, conseqüentemente, pode raciocinar à base das relações operacionais mesmas independente de seu conteúdo. O foco do pensamento não é mais o real conhecido mas o real reconhecido, não realiza mais operações somente pelo concreto, realiza abstrações, argumenta, antecipa respostas.

Já tendo a capacidade do raciocínio reflete sobre os problemas complicados, influenciando o seu processo de aprendizagem tanto positivamente, como negativamente.

Porém, de acordo com Cavenaghi e Bzuneck (2009, p. 5), é também comprovado que a aprendizagem inicia-se no nascimento e se prolonga por toda a vida.

Portanto, para alguns jovens adolescentes estudantes o aumento na reflexão, autonomia e exploração da identidade conduz a novos interesses acadêmicos, incrementa a aprendizagem autorregulada e o compromisso com a educação. Porém, para muitos adolescentes iniciais marca o começo de uma tendência acadêmica descendente. Mais até que outras idades, jovens adolescentes duvidam de suas capacidades de sucesso nas tarefas escolares, questionam o valor de fazer as tarefas escolares e o esforço diante das atividades acadêmicas decresce, correndo o risco de abandonarem a escola (CAVENAGHI, BZUNECK, 2009, p. 5).

Nestes termos é evidente que o adolescente necessita de um outro tipo de tratamento e que as metodologias de aprendizagem devem ser elaboradas para este sujeito irrequieto e questionador. Porém, o que se vê na prática é que os conteúdos

escolares são transmitidos da mesma forma como o são para as crianças, ou seja, é necessário que a escola tenha um olhar diferenciado para nossos adolescentes no sentido de captar toda a energia para uma aprendizagem eficiente e duradoura.

Feitosa (2009, p. 3) observa que uma vez que a aprendizagem se dá na relação social, pois os alunos não aprendem sozinhos, mas na colaboração com os professores e na companhia de colegas, a qualidade dessa relação entre educandos e seus pares e professores passa a afetar tanto o seu desempenho acadêmico como o bem-estar, merecendo atenção dos educadores e dos profissionais da saúde.

De acordo com Koshino (2011, p. 68), o desenvolvimento dos interesses na idade de transição é a chave para entender todo o desenvolvimento psicológico do adolescente. Este é regido dentro de certo sistema por determinadas aspirações, hábitos, atrações e interesses sedimentados na personalidade. Desenvolver então é progredir, não apenas adquirir, portanto, nesta fase do desenvolvimento o adolescente deseja mais realizar do que receber.

Outro aspecto do desenvolvimento do adolescente é quanto a formação de conceitos. O que foi aprendido na infância passa por uma avaliação do próprio indivíduo e este reestrutura o conceito das coisas. O objetivo que ele estabelece para desenvolver-se é precisamente com o auxílio dos problemas propostos, da necessidade que surge e é estimulada pelos objetivos colocados diante do adolescente. O meio social circundante o motiva e o leva a dar esse passo decisivo no desenvolvimento do seu pensamento (KOSHINO, 2011 p. 68).

Koshino (2011, p. 73) destaca que a assimilação de um conceito não se dá de forma mecânica, mas sim por meio de um longo e complexo processo de desenvolvimento para resolver uma tarefa. O adolescente busca a solução por meio da formação de conceitos não estáticos, mas em diferentes variáveis sintetizando.

Para Vigotski (2000, p. 229), a adolescência não é um período de conclusão, mas de crise e amadurecimento do pensamento. No que tange à forma superior do pensamento acessível a mente humana essa idade é bem transitória e o é em todos os sentidos. Dessa forma, o pensamento do adolescente é envolvido pela contradição, pelo questionamento. O mesmo autor afirma ainda que “essa é a revolução que se produz no pensamento e na consciência do adolescente”, tornando-o diferente da criança.

Da passividade a atividade esta é a grande diferença que pode se estabelecer entre a infância e a adolescência. Enquanto para a criança é necessário uma educação a partir da memorização e criação de hábitos, o adolescente precisa de desafios e questionamentos.

Segundo Cavalcante (2004, p. 2) ser adolescente é estar em constante transformação. Além das transformações físicas, o cérebro do adolescente passa pela segunda maior transformação. As conexões entre os neurônios se desfazem para que surjam outras conexões, o cérebro praticamente “se desmonta”.

Dos dez aos treze anos, a substância cinzenta atinge seu ápice no lobo frontal regulando o planejamento e o controle de impulsos e raciocínio. Há um forte crescimento dos hormônios sexuais. Dos treze aos vinte anos, vias neurais vão sendo podadas, o cérebro vai encolhendo. A partir desta idade perde 2% de seu peso a cada década. Nesta fase se desenvolvem os lobos parietal e temporal, associados às áreas espacial, sensorial, auditiva e linguagem, desta forma o cérebro está pronto para lidar com desafios sociais e intelectuais (REVISTA NEUROCIÊNCIAS, 2012, p.7).

É possível afirmar que o adolescente é diferente da criança no seu processo de desenvolvimento, na forma de relacionar-se com o mundo e consigo mesmo, bem como possui mecanismos diferentes para aprender.

Rapaaport (1981, p. 63) descreve que na visão piagetiana, a transição de um período a outro necessariamente provoca um desequilíbrio temporário que posteriormente dá lugar a uma forma superior de raciocínio. Neste período das operações formais, o adolescente apresenta uma forma mais flexível de manipular a informação por meio da reflexão, diferentemente da criança, pensa além do empírico, levantando teorias e refletindo seu próprio pensamento, o que o torna mais intempestivo e questionador assumindo uma conduta desafiadora.

### **Contexto da escola pesquisada<sup>2</sup>**

O Colégio Miguel Dias, assim hoje denominado, originou-se em janeiro de 1928, quando o Professor Francisco Benedetti assinou o termo de compromisso na função de diretor do “Grupo Escolar de Afonso Camargo”, pois assim era denominado o povoado que deu origem à cidade de Joaquim Távora.

---

<sup>2</sup> Destaca-se que os dados referentes a escola foram retirados do Projeto Político Pedagógico da mesma.

O Grupo Escolar estava situado no prédio da antiga Prefeitura Municipal. O Capitão Miguel Dias, pioneiro nesta região, com o aumento da população criou uma escola particular em sua propriedade contratando professores de outras cidades para que as crianças recebessem instrução escolar.

Mais tarde essa escola passou a ser “Escola Isolada” pertencente ao município de Santo Antônio da Platina. A partir de 1929, os documentos já nomeiam a primeira escola da comunidade de “Grupo Escolar Miguel Dias” que contava com um prédio de madeira com 4 salas.

Em março de 1930, a Escola passou a denominar-se Grupo Escolar Miguel Dias. Em 1948, a instauração do novo prédio sob a direção do Professor Dalton Frederico de Mello. O prédio, em alvenaria, contava com 8 salas de aula, cantina, instalação sanitária, gabinete do diretor, sala de professores, cooperativa, almoxarifado, biblioteca, sala museu, gabinete médico e dentista.

Neste estabelecimento funcionou o Ginásio Estadual Professor Francisco Benedetti, desde 1950 até 1962 e a Escola Normal de Grau Colegial “Prudente de Moraes”, desde o ano de 1956 até 1963. Ambas as Escolas desligaram-se deste para o novo prédio do Ginásio Estadual “Professor Francisco Benedetti”.

Em dezembro de 1956, foi criada a Escola Técnica de Comércio de Joaquim Távora funcionando no mesmo prédio do Grupo Escolar Miguel Dias.

A partir de 1962 passou-se a denominar Colégio Comercial Estadual de Joaquim Távora e Escola Reordenada de 2º Grau. Depois de unirem-se veio à denominação de Colégio Estadual “Miguel Dias” - ensino de 1º e 2º Graus.

A escola atende ao alunado entre crianças, jovens e adultos, em geral oriundos das classes assalariadas residentes na zona urbana, periferia e zona rural. Entre esses indivíduos observa-se que a sua condição social e econômica, familiar e cultural, muitas vezes reflete no seu desempenho escolar de maneira positiva ou negativa.

Assim como os alunos, os professores são marcados por características próprias que definem seus modos de pensar e agir dentro da comunidade escolar. Como cada um tem sua individualidade, a maneira de encarar o processo educativo é peculiar a cada um. No entanto, são persistentes, dinâmicos, criativos, comprometidos realmente com a formação integral do aluno, apesar de em alguns momentos se remeterem a sentimentos de desilusão, frustração e estresse diante de determinadas situações. Os professores são conscientes de que a escola espera

deles dedicação e comprometimento, assim como a promoção da ética e da união dentro do estabelecimento, mas também almejam respeito e valorização pelo seu trabalho.

Os funcionários são conscientes da importância do seu papel para a comunidade escolar e também tem desejo que seu trabalho seja reconhecido e respeitado.

Os pais são provenientes de várias camadas sociais. Podemos considerar que a maioria dos pais pertence a uma classe social média. Ainda assim temos uma parte dos pais que pertencem à classe baixa, não possuem estruturas necessárias para fazer um bom acompanhamento da vida escolar de seus filhos.

### **Visão dos professores sobre a aprendizagem dos adolescentes**

Procurando verificar a percepção dos professores do Colégio Estadual Miguel Dias sobre a aprendizagem na adolescência foram entregues questionários aos professores que trabalham com as turmas do 6º ano do ensino fundamental - séries finais ao 3º ano do ensino médio. Ao todo foram entregues cinquenta questionários, porém apenas vinte retornaram. Tal questionário é composto por 8 questões.

As características dos respondentes podem ser observadas no quadro abaixo.

Professor	Tempo no magistério	Sexo	Tempo na escola	Nível de atuação	Graduação	Especialização	Mestrado	PDE
A	27	F	16	E.F.M	X	X		
B	27	F	20	E.F.M.	X	X		X
C	30	F	20	E.M.	X	X		
D	27	F	23	E.M.	X	X		X
E	21	F	21	E.F.M.	X	X		X
F	30	F	26	E.M.	X	X		
G	28	F	18	E.F.	X	X		X
H	25	F	15	E.F.	X	X		
I	13	F	13	E.F.M.	X	X		X
J	9	F	9	E.F.	X	X		
K	28	F	28	E.F.M.	X	X		X



L	35	F	35	E.M.	X	X		
M	20	F	17	E.M.	X	X		
N	12	M	10	E.M.	X	X		
O	24	F	11	E.F.M.	X	X		X
P	23	F	23	E.F.M.	X	X	X	X
Q	20	F	20	E.F.M.	X	X		X
R	8	M	4	E.F.M.	X	X		
S	45	F	1	E.F.M.	X	X		
T	25	F	23	E.F.M.	X	X		

Quadro 1: Características dos professores respondentes.

Fonte: Questionários sobre a visão dos professores sobre a aprendizagem na adolescência.

Os professores participantes da pesquisa possuem longa experiência no magistério, são todos pós-graduados em suas áreas. A atuação na escola é paralela a atuação no magistério, o que demonstra conhecimento da comunidade e do alunado.

Por serem professores do quadro próprio da escola necessitam completar a carga horária de sua disciplina na própria escola ministrando aulas não apenas em um nível de ensino. Neste caso 50% se dedicam a apenas um nível de ensino, ensino fundamental séries finais ou ensino médio.

Todos os vinte professores concordam que a aprendizagem do adolescente é diferente da criança. A opinião dos professores está em conformidade com Cavenaghi e Bzuneck (2009, p. 5) que afirmam que a adolescência é um período de maior reflexão, maior capacidade para questionar e opinar, diferente da criança que necessita do concreto para que ocorra a aprendizagem.

Observa-se que os professores confundiram metodologia com técnicas e instrumentos de ensino.

Onze professores citaram a resolução de problemas como a metodologia que mais se identifica para uma aprendizagem significativa. Tal posicionamento está de acordo com Koshino (2011, p.68) que afirma que o adolescente deseja mais realizar do que receber instruções prontas e acabadas e com Vigotsky (2000, p. 229) que afirma que o pensamento do adolescente é envolvido pela contradição, pelo questionamento. Ressalta-se que os professores que afirmam ser esta a metodologia adequada para o adolescente são os professores que já participaram

do Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE, o que confirma a importância da formação continuada dos professores para uma educação de qualidade.

Além disso, sete professores citaram a contextualização do conteúdo e o uso de mídias e tecnologias como as metodologias que mais facilitam a aprendizagem dos adolescentes. Trabalhos em grupo/pesquisa foram citados por três professores. Transmissão/exposição por dois professores. Debates, jogos e materiais concretos foram citados cada um por um professor.

Quando questionados sobre as metodologias que consideram inadequadas para a aprendizagem do adolescente, a maioria (nove professores) citaram a mecanização. Além disso, foram citadas a descontextualização, a imposição, a exposição do conteúdo, a interpretação de texto, todas citadas por dois professores. Três professores não responderam a pergunta.

Neste questionamento também houve equívocos nas respostas com a confusão entre metodologia, técnicas e instrumentos. Porém, destacam em sua maioria (dezesesseis professores) que a mecanização, ou seja, metodologias tradicionais não efetivam a aprendizagem na adolescência. Tal posicionamento corrobora com a afirmação de ROSA (1986, p.71), que afirma que o foco do pensamento do adolescente não é mais o real conhecido, mas o real reconhecido, não realiza mais operações somente pelo concreto, realiza abstrações, argumenta, antecipa respostas.

Os professores apontaram a falta de interesse dos alunos como a principal dificuldade na prática pedagógica com os adolescentes, sendo que nove professores a citaram em suas respostas. O posicionamento dos professores vem de encontro com o afirmado por Cavenaghi, Bzuneck (2009, p. 5) que explicam que esta fase é para muitos adolescentes o começo de uma tendência acadêmica descendente. Mais até que outras idades, jovens adolescentes duvidam de suas capacidades de sucesso nas tarefas escolares, questionam o valor de fazer as tarefas escolares e o esforço diante das atividades acadêmicas decresce, correndo o risco de abandonarem a escola.

Outra dificuldade bastante apontada (cinco professores citaram) foi manter a atenção dos alunos. A disciplina e turmas numerosas foram dificuldades apontadas por dois professores. Estas constatações estão em consonância com o destacado por Cunha (sd, p. 2) de que é uma situação vivida pelo adolescente, pois nesta fase de desenvolvimento ele vive uma fase contraditória onde ao mesmo tempo que

necessita estar só consigo mesmo precisa do outro, do grupo, para construir sua personalidade, sendo a sala de aula um ponto de encontro do grupo. É neste que o adolescente sente-se acolhido e usa este espaço e tempo para a comunicação, gerando na opinião dos professores a indisciplina.

Inserir novas tecnologias e raciocínio foram dificuldades citadas por um professor. Apenas um professor respondeu que não há dificuldade na prática pedagógica com o adolescente.

Verifica-se que, embora, as respostas sejam dadas em diferentes termos, doze professores apontam ser de responsabilidade do aluno a aprendizagem. Tal posicionamento é contrário ao afirmado por Feitosa (2009, p. 3) de que a aprendizagem se dá na relação social, pois os alunos não aprendem sozinhos, mas na colaboração com os professores e na companhia de colegas. Segundo o autor a qualidade dessa relação entre educandos e seus pares e professores passa a afetar tanto o seu desempenho acadêmico como o bem-estar. Assim sendo, o adolescente necessita do outro, neste caso, do professor para construir o conhecimento.

No que se refere as relações interpessoais, o diálogo com os alunos na opinião de quatorze professores é importante para a aprendizagem, sendo estes mesmos professores que responderam que mantém diálogo com todos os alunos. Tal ação contribui para a construção da identidade do adolescente, pois segundo Cunha (sd, p. 2) o adolescente necessita de um referencial, de um adulto que lhe sirva de exemplo e de apoio para suas decisões.

No entanto, sete professores têm diálogo apenas com alguns alunos e afirmam que relações interpessoais não interferem na aprendizagem.

A maioria dos professores respondentes (onze professores) declaram perceber a aprendizagem do aluno apenas no final do processo por meio da avaliação. Sete professores percebem a aprendizagem durante o processo pelo interesse demonstrado pelo aluno. Apenas, dois professores observam a aprendizagem pelo comportamento e atitude dos alunos na aprendizagem. O primeiro grupo contradiz ao afirmado por Vigotski (2000, p. 229), enquanto o segundo grupo é consonante, pois esta atitude de realizar avaliação durante o processo prima pela aprendizagem significativa extremamente importante para uma fase transitória em que o adolescente é envolvido pela contradição e pelo questionamento.

Apesar de tal constatação dezoito professores responderam que revisam o planejamento a partir do interesse da turma e que o mesmo é flexível e adequado as necessidades da turma. Este grupo é compatível com as colocações de Rapaaport (1981, p.63) que enfatiza que o adolescente pensa além do empírico, levanta teorias e reflete seu próprio pensamento, o que o torna mais intempestivo e questionador assumindo uma conduta desafiadora.

Apenas dois professores se prendem ao currículo estabelecido, não realizando mudanças durante o processo de aprendizagem, inviabilizando assim a construção de um pensamento crítico e transformador.

Quando questionados sobre quando e como fazem o replanejamento a maioria (onze professores) respondeu ser a partir dos resultados, pois se os objetivos não são atingidos o conteúdo é retomado. Outros seis professores responderam que refazem pela dificuldade ou pela falta de interesse. Três professores refazem o planejamento quando este não desperta o interesse da turma.

No entanto, a maioria (onze professores) utiliza como critério para elencar os conteúdos o currículo da mantenedora. Seis professores utilizam o nível de aprendizagem dos alunos e apenas três professores declaram utilizar as necessidades contextuais da turma. Levando em conta que necessidades contextuais são também as necessidades do período de vida que o adolescente está vivendo, os dois primeiros grupos de respondentes não condizem com a afirmação de Koshino (2011, p. 73) que afirma que para resolver uma tarefa o adolescente busca a solução por meio da formação de conceitos não estáticos, mas em diferentes variáveis sintetizando, diferentemente do terceiro grupo de respondentes que considera as necessidades contextuais da turma para ministrar conteúdos relevantes para a formação do adolescente.

## **Considerações finais**

A pesquisa realizada com os professores do Colégio Estadual Miguel Dias confirma que o adolescente aprende de forma diferenciada da criança, pois refletem

sobre o conteúdo com uma visão crítica da realidade, neste quesito há concordância entre os professores que participaram da pesquisa com os teóricos estudados, já quanto ao processo de aprendizagem estes mesmos professores afirmam ser de responsabilidade do aluno, discordando dos estudos que afirmam que a aprendizagem necessita de ensino, qual seja não há aprendiz sem ensinante.

Quanto à questão metodológica é importante salientar que os professores PDE indicam a resolução de problemas como metodologia adequada para uma aprendizagem significativa na adolescência, concluindo que a formação continuada deve ser condição *sine qua non* para uma prática pedagógica que dê conta de formar alunos capazes de transformar o meio em que vivem. Diferente da prática pedagógica da escola tradicional, em que prima-se a memorização e repetição de conteúdos alienados à realidade do aluno.

Embora o adolescente mostre-se individualista e avesso aos conceitos, tanto teoria estudada quanto a prática dos professores participantes da pesquisa dialogam quanto à necessidade de relações interpessoais, afetivas e diálogo entre professores e alunos para criação de um referencial psicológico na construção de um sujeito social com proficiência dos conteúdos curriculares.

Desta forma, o currículo escolar, na visão dos professores participantes da pesquisa deve levar em conta as necessidades contextuais da turma, sendo necessário uma revisão de planejamento curricular a partir da aprendizagem e interesse dos alunos.

A pesquisa não é um fim em si mesma, novos e diferentes estudos ainda são necessários para que o Ensino Fundamental séries finais e Ensino Médio tenham uma identidade teórica e metodológica corroborando para uma prática pedagógica significativa e uma educação de qualidade.

## Referências Bibliográficas

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente (1990). Estatuto da criança e do adolescente.** 7.ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010.

CARVALHO, Wilma Nascimento dos Santos Ganso. **Representações sociais elaboradas por adolescente do Ensino Médio.** Estudo de caso. Osasco, 2010. Disponível em: <http://www.unifio.br/files/download/site/mestradosicologiaeducacional>. Acesso em: 10/10/2013

CAVALCANTE. Meire. **Adolescente: entender a cabeça dessa turma é a chave para obter o bom aprendizado.** Nova escola. São Paulo, v 29, n 273, jun-jul 2014. Secção Formação. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/adolescentes-entender-cabeca>.> Acesso em: 10 Jun. 2014.

CAVENAGHI, Ana Raquel Abelha. BZUNECK, José Aloyseo. **A motivação de alunos adolescentes enquanto desafio na formação do professor.** IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE\_ III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, PUC PR, 2009. Disponível em: [http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1968\\_1189.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1968_1189.pdf).> Acesso em: 23 Jan. 2014.

CUNHA. Jânio Claudio da, et al. **Compreendendo os adolescentes: uma visão psicanalítica da aprendizagem.** Disponível em: [http://fido.palermo.edu/servicios\\_dyc/encuentro2007/02\\_auspicios\\_publicaciones/actas\\_diseno/articulos\\_pdf/A4085.pdf](http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/encuentro2007/02_auspicios_publicaciones/actas_diseno/articulos_pdf/A4085.pdf).> Acesso em: 19 Jan. 2014.

DIGIACÓMO, Murillo José. DIGIACÓMO, Ildeara Morim. **Estatuto da criança e do adolescente: anotado e interpretado.** 6 ed. Ministério Público do Estado do Paraná, Curitiba, 2013.

FEITOSA Fabio Biasotto. **Desempenho acadêmico e interpessoal em adolescentes portugueses.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 14, n. 2, p. 259-266, abr./jun. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n2/v14n2a05.pdf>.> Acesso em: 17 Jan. 2014.

FERREIRA Teresa Helena Schoen. -FARIAS Maria Aznar. **Adolescência através dos Séculos Psicologia: Teoria e Pesquisa.** Abr-Jun 2010, Vol. 26 n. 2, pp. 227-234. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n2/a04v26n2.pdf>.> Acesso em: 30 Jan. 2014.

GIMENEZ, Roberto. **Preparação profissional em educação física: chegamos na idade adulta.** Dialogia, v. 3, p. 75-86, out. 2004. Disponível em: [http://www.uninove.br/PDFs/Publicacoes/dialogia/dialogia\\_v3/dialogv3](http://www.uninove.br/PDFs/Publicacoes/dialogia/dialogia_v3/dialogv3).> Acesso em: 18 Fev. 2014.

KOSHINO, Ila Leão Ayres. **Vigotski: desenvolvimento do adolescente sob a**



**perspectiva do materialismo histórico e dialético.** Londrina, 2011. Disponível em: <[http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2011/2011\\_-\\_KOSHINO\\_Ila\\_Leao\\_Ayres.pdf](http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2011/2011_-_KOSHINO_Ila_Leao_Ayres.pdf)> Acesso em: 15 Dez. 2013.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens de um processo.** São Paulo, EPU, 1986.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico.** 3. ed. São Paulo, Scipione, 1995.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. **Colégio Estadual Miguel Dias.** Joaquim Távora, Paraná. 2012

RAMOS, Beatriz Jaques; FARIA, Elaine Turk. **Aprender e ensinar: diferentes olhares e práticas.** Porto Alegre, PUCRS, 2011.

RAPPAPORT, Clara Regina. **Psicologia do desenvolvimento.** São Paulo: EPU, 1981.

REVISTA NEURO EDUCAÇÃO. **A força da idade.** 2 ed. São Paulo, v 2, p. 6-7 setembro 2012.

ROMANI, Simone; RABOJAC, Raimundo. **Iluminismo pedagógico: educação e adolescência no Livro III do Emílio de Rosseau.** Revista Espaço acadêmico, Nº 125, outubro 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/12538/7984>> Acesso em: 15 Dez. 2013.

ROSA, Merval. **Psicologia evolutiva: psicologia da adolescência.** vol. III. 4 ed. Petrópolis: Vozes. 1986.

ROSA, Jorge de La. **Psicologia e educação: o significado do aprender.** 6 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

SANTOS, Wilma Nascimento dos Ganso Carvalho. **Representações sociais de aprendizagem formuladas por adolescentes do ensino médio: estudo de caso.** Centro universitário Fieo Osasco, 2010. Disponível em: <<http://www.unifio.br/files/download/site/mestradosicologiaeducacional/Disserta%C3%A7%C3%B5es%20de%20Mestrado%20psicologia/2010/>>. Acesso em: 19 Jan. 2014.

SAVIANI, Dermerval. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações.** Campinas, Autores Associados, 2005.

VIGOTSKI Lev Semenovitch. **A construção do pensamento e linguagem.** São Paulo, Martins Fontes. 2000.